



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

**ÉPICA, MEMÓRIA E TEOLOGIA-POLÍTICA:
GUERRA, PAZ, CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE NO POEMA ÉPICO DO
DESCOBRIMENTO DA BAHIA**

Halysson Dias Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: halyssondias@gmail.com

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, se apresentam resultados parciais de pesquisa sobre as relações entre épica, teologia-política, louvor e memória nos séculos XVI, XVII e XVIII. Pretende-se, com base numa leitura do *Caramuru, Poema Épico do Descobrimento da Bahia*, de Frei José de Santa Rita Durão, cuja primeira edição impressa saiu em Lisboa no ano de 1781 (BIRON, 2008), discutir como se dá a articulação entre as noções de poder, guerra justa, paz, soberania, civilização, barbárie na poesia épica luso-brasileira de fins do século XVIII. Interessa-nos, para tanto, demonstrar o fundamento teológico-político do poema, evidente, por exemplo, no caráter de seu herói, Diogo Álvares Correia, imitado como guerreiro valoroso na arte da guerra, virtuoso por sua piedade e hábil na pacificação do gentio. Temos em vista, ainda, a função mnemônica do poema, que se patenteia pela celebração dos *res gestae*, dos feitos dignos de louvor e memória conforme o juízo corrente.

A relação entre épica e poder, por vezes identificado com uma presumida “ideologia”, “ideologia imperial”, “ideologia das três funções”, não tem sido ignorada pelos estudiosos do gênero em questão (DUMEZIL, 1995; QUINT, 1993). Na epopeia antiga, muitos heróis, em sua nobreza e posição de poder, embora sendo mortais, têm ascendência divina. Na *Iliada* e na *Eneida*, por exemplo, homens como Aquiles e Enéias são semelhantes aos deuses, filhos de deuses, o que por si só põe em relevo a interação entre os poderes humanos e divinos, numa convergência entre poder temporal e poder supratemporal (ROMILLY, 2001). Por outro lado, a épica é espécie poética cuja matéria se relaciona à guerra. O valor do herói, e, conseqüentemente, sua *kléos*, se afirma principalmente mediante feitos bélicos (NAGY, 1996; SCHEIN, 1984; VERNANT, 1978). A *Iliada*, diz Vidal-Naquet (2002, p. 51), “é o poema da guerra”. Ulisses é um herói que volta da guerra que o tornou célebre ao lado de Aquiles e de



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

tantos outros. Névio e Ênio, convencionalmente tratados como os primeiros poetas épicos latinos, buscaram na história, especificamente nas guerras, púnicas e etólia, a matéria de seus respectivos poemas. A *Eneida*, um canto sobre *arma uirumque*, trata das ações de um herói que se destaca na guerra, como fica evidente pela sinédoque empregada por Virgílio na proposição do poema. Na definição horaciana, que, como sabemos, toma como parâmetro Homero, epopeia seria antes de tudo: *Res gestae regumque, ducumque, et tristia bella*. Preceito ainda seguido por Lucano na composição de *Bellum Civile*. Nota-se, porém, na épica antiga, uma tensão entre guerra e paz que contraporia, segundo Vidal-Naquet (2002), *Iliada* e *Odisseia*. Por outro lado, não podemos deixar de ressaltar o *ethos* ambivalente do herói da *Eneida*. No poema latino, as virtudes guerreiras de Enéias são temperadas com a piedade, no caso, a *pietas* romana (GRIMAL, 1992; HANSEN, 2008; QUINT, 1993; THAMOS, 2011).

Na épica moderna, aquela cultivada entre os séculos XV e XVIII, o foco teológico-político e o assunto da guerra, ainda que possamos em alguns casos apontar importantes adaptações no que tange à invenção dos poemas heróicos, continuam no cerne da matéria épica. Dos poemas épicos mais famosos do período, *Orlando Furioso*, *Os Lusíadas*, *La Araucana*, *Gerusalemme Liberata*, aos hoje praticamente esquecidos, como é o caso de *Italia*, de Trissino e da *Henriqueida*, de Xavier de Menezes, as articulações entre poder, guerra e heroísmo são repisadas. Camões, por exemplo, principal modelo seguido por Santa Rita Durão na escrita do *Caramuru*¹, retoma, n' *Os Lusíadas*, a proposição virgiliana para exaltar os feitos guerreiros da nobreza de armas portuguesa em sua expansão contra a barbárie por África e Ásia (AVALLE-ARCE, 2000; HANSEN, 2008; QUINT, 1993).

METODOLOGIA

Estabelecendo um diálogo crítico com autores que versam direta ou indiretamente sobre as noções de teologia-política, Estado, poder, soberania, guerra justa, civilização, barbárie e com alguns dos mais destacados estudiosos da poesia épica, buscamos compreender como a natureza e a função tradicionalmente atribuídas aos poemas heroicos se atualizam no *Caramuru*, em suas relações com o poder, a teologia

¹ Importa lembrar que Camões seguiu especialmente Virgílio na composição de *Os Lusíadas* (ALVES, 2001), o que se transmite à posteridade, como se pode notar em poemas como *Prosopopeia*, *Ulysseia*, *Henriqueida*, *O Uruguay*, *Vila Rica* e *Caramuru*, dadas as devidas proporções.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

católica, o louvor e a memória. Numa leitura que considera as condições de produção e recepção do poema em seu próprio tempo, operamos mediante o estudo retórico-poético de sua invenção, com vistas a explicitar tópicos teológico-políticos nela presentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Adaptado aos interesses das monarquias católicas e ao que Elias (2001) denominou “figuração aristocrática de corte”, o gênero épico, nos poemas heroicos luso-brasileiros do século XVIII, se atualiza de modo que suas antigas características se ajustam retórica e poeticamente às circunstâncias teológicas, políticas e éticas do presente, a uma nova institucionalidade, cuja jurisprudência legitima a chamada guerra justa do ponto de vista da teologia católica e da racionalidade aristocrática (VALLE, 2010). No *Caramuru*, as virtudes guerreiras não são, entretanto, as únicas virtudes exaltadas, mas também, como se espera da nobreza de armas católica, a piedade que evidencia a fé. Assim, o herói que tipifica o Estado Monárquico Português², simultaneamente, mimetiza a ação da igreja em sua militância missionária (BIRON, 2008; CUNHA, 2006; DURÃO, 2008).

Em seus usos efetivos e em suas definições doutrinárias³, o gênero épico esteve, pois, geralmente associado ao poder, à celebração dos homens que se avultam no corpo social, especialmente por sua atuação bélica. Entre os séculos XVI e XVIII, a épica foi sendo cultivada no Império Ultramarino Português, como um gênero poético que tinha por finalidade o louvor dos homens superiores, “melhores do que costumamos ser”, de

² O príncipe católico, ao invés de buscar a guerra pela guerra, o poder pelo poder, deve buscar a paz, a concórdia, ainda que, para isso, precise se valer das armas. Quando recorre à guerra, a instauração da paz, o estabelecimento da justiça, a honra, a promoção da fé católica deve estar em seu horizonte. A justificativa teológica e ética – que se confundem com a política, pois não lidamos, nesse caso, com a mera política, tal como, numa leitura católica, teria proposto um Maquiavel, mas com uma teologia-política que tem em vista uma ação justa do ponto de vista da *lex divina* – se sobrepõe a qualquer justificativa puramente imperialista (HANSEN, 1996). Nos tratados teológico-políticos, o rei, como *figura ficta*, que se submete e tipifica a pessoa de Cristo (KANTOROWICZ, 1998), como cabeça do corpo místico, é quem está autorizado a fazer guerra contra seus inimigos, os inimigos da Fé católica, do Império, da Razão de Estado, do bem comum, da civilização, mas também é quem tem o poder, e a obrigação, de promover a paz, sobretudo à medida que se dá uma centralização do poder bélico, o estabelecimento de um monopólio da violência militar (FOUCAULT, 2000; HANSEN, 1996). O universo, na perspectiva tomista da Contrarreforma, que vigorou em lugares tridentino como Portugal e que será reposta no *Caramuru*, é “regido por uma hierarquia de leis” em que *lex aeterna*, *lex divina*, *lex naturalis* se sobrepõem e, portanto, determinam a *lex humana* – aquela que corresponde à *lex civilis* e à *ius positivum*, enfim, ao direito positivo (SKINNER, 1996, p. 426).

³ Tais características do gênero são reiteradas doutrinariamente pelos inúmeros preceptistas de arte poética que, entre os séculos XVI e XVIII, seguindo Aristóteles e também Horácio, pretenderam orientar a composição de novos poemas de matéria heroica (HANSEN, 2008).



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

acordo com a conhecida definição da *Poética* de Aristóteles, como meio de perpetuação da memória dos feitos ilustres, exemplares (MOREIRA, 2008). Conforme Hansen (2008, p. 40), “desde a *Eneida*, as epopeias que a imitam compõem a enunciação do narrador como lembrança dos *res gestae* dos heróis do enunciado”, pelo que partilham socialmente uma memória coletiva que remonta a matrizes gregas e latinas. Esse aspecto da épica está claramente presente no *Caramuru*, o que também se estende aos demais poemas luso-brasileiros do período.

CONCLUSÕES

Em sua invenção, o *Caramuru* se destina à exaltação do poder monárquico e do avanço da cristandade, mediante o louvor da expansão do império lusitano e da fé católica no Novo Mundo, seja por meio da guerra justa, expediente útil à civilização contra a barbárie, seja pelo trabalho catequético dos missionários jesuítas. A ortodoxia e a ortopraxia teológico-políticas vigentes são, pois, tipificadas pela representação que se faz do herói piedoso. Como meio de celebração dos feitos ilustres, a épica repõe uma memória, que é memória teológica, política e eticamente modelada, como invenção mimética de uma história que se pretende *magistral vitae* (KOSELLECK, 2006).

PALAVRAS-CHAVE: Barbárie; Épica; Guerra Justa; Memória; Teologia-Política.

REFERÊNCIAS

ALVES, Hélio J. S. **Camões, Corte-Real e o Sistema da Epopeia Quinhentista**. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis/CIEC, 2001.

AVALLE-ARCE, Juan Bautista. **La épica colonial**. Pamplona: Eunsa, 2000.

BIRON, Berty R. R. Luzes, Razão e Fé em *Caramuru*. In: TEIXEIRA, Ivan. **Épicos**. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial, 2008, p. 317-354.

CUNHA, Eneida Leal. **Estampas do imaginário: literatura, história e identidade cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Poema épico do descobrimento da Bahia. In: TEIXEIRA, Ivan. **Épicos**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2008, p. 354-660.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GRIMAL, Pierre. **Virgílio ou O segundo nascimento de Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HANSEN, João Adolfo Hansen. Introdução: notas sobre o gênero épico. In: TEIXEIRA, Ivan. **Épicos**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2008, p. 17-91.

HANSEN, João Adolfo. Razão de Estado. In: NOVAES, Adauto. **A Crise da Razão**. São Paulo: Cia. das Letras; Brasília, DF: Ministério da Cultura, 1996. p. 135-156.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os Dois Corpos do Rei**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC/RIO, 2006.

MOREIRA, Marcello. Louvor e História em Prosopopeia. In: TEIXEIRA, Ivan. **Épicos**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2008. p. 95-116.

NAGY, Gregory. **The Best of Achaeans: concepts of the Hero in Archaic Greek Poetry**. Baltimore; London: John Hopkins University Press, 1996.

QUINT, David. **Epic and Empire**. Princenton, NJ: Princenton University Press, 1993.

ROMILLY, Jacqueline de. **Homero: introdução aos poemas homéricos**. Lisboa: Edições 70, 2001.

SCHEIN, Seth L. **The Mortal Hero: an introduction to Homer's Iliad**. Berkley; Los Angeles: University of California Press, 1984.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

THAMOS, Márcio. **As armas e o varão: leitura e tradução do canto I da Eneida**. São Paulo: Edusp, 2011.

VALLE, Ricardo Martins. **Instituições da coisa bélica: Tradições de doutrina e jurisprudência, instituições civis e práticas letradas, guerra justa e matéria heroica**. Originalmente apresentada como tese de doutorado, Universidade de São Paulo, 2010.

VERNANT, Jean-Pierre. A Bela morte ou o cadáver ultrajado. In: **Revista Discurso**, São Paulo, n. 9, p. 31-62, nov. 1978.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **O mundo de Homero**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.